

Sábado,
18 de setembro de 1999

Acesso do negro à universidade é reivindicado

CHICO ARAÚJO

Especial para o Estado

BRASÍLIA - Dirigentes de movimentos negros e cursos pré-vestibulares de Pernambuco, Pará, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro querem ampliar os meios para o ingresso de negros e pessoas carentes nas universidades brasileiras. A proposta foi defendida ontem num encontro dessas entidades no Ministério da Justiça, quando foram relatadas experiências dos Pré-Vestibulares Comunitários em diversas regiões do País.

Atualmente, são mais de 700 iniciativas nessa linha nos vários Estados. Entre elas, está a do Instituto Stive Biko, de Salvador (BA), fundado em 1992, que já garantiu, até este ano, o ingresso de mais de 150 estudantes nas universidades baianas.

Segundo o diretor do Conselho dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, Ivair Augusto dos Santos, que presidiu a reunião, as entidades cobraram do governo apoio para ampliar o acesso dos negros e pobres às universidades, manter os espaços hoje ocupados por grupos de Pré-Vestibulares Comunitários e isenção das taxas de matrículas nas universidades públicas. Santos assumiu o compromisso de lutar por um maior envolvimento das universidades nessas experiências. "No que depender de mim terá o máximo de apoio", disse Santos, que espera em 15 dias atender à maioria das reivindicações.

Os dirigentes negros sugerem a concessão de bolsas de estudo e de trabalho, estágios remunerados, alimentação e bolsas de iniciação científica.

Copyright 1999 - O Estado de S. Paulo - Todos os direitos reservados

1901-1902

Rua Pará 55
Colégio MW1